

HS-814/A – HISTÓRIA E TEORIAS DA ANTROPOLOGIA I (OBRIGATÓRIA) - MESTRADO

Créditos: 12 Vagas: 20

Profa. Dra. Maria Suely Kofes

4as. Feiras – das 9h00 às 13h00

1º semestre de 2005

Considerando as seguintes afirmações:

1ª. Se afirmamos que o esquema conceitual comanda e define as práticas, é porque estas, objeto de estudo do etnólogo sob a forma de realidade discretas, localizadas no tempo e no espaço, e distintas de gêneros de vida e de formas de civilização, não se confundem com a praxis que — neste ponto, ao menos, estamos de acordo com Sartre (p.181) — constitui para as ciências do homem a totalidade fundamental. O marxismo — se não o próprio Marx — raciocinou, muitas vezes, como se as práticas decorressem imediatamente da praxis. Sem pôr em dúvida o incontestável primado das infra-estruturas, cremos que entre praxis e práticas se intercala sempre um mediador, que é o esquema conceptual, por obra do qual uma matéria e uma forma, desprovidas ambas de existência independente, realizam-se como estruturas isto é, como seres, ao mesmo tempo, empíricos e inteligíveis. É para esta teoria das superestruturas, mal e mal esboçada por Marx, que desejamos contribuir, reservando à história — assistida pela demografia, pela tecnologia, pela geografia histórica e pela etnografia — o cuidado de desenvolver o estudo das infra-estruturas propriamente ditas, que não pode ser principalmente a nossa, porque a etnologia é, primeiro, uma psicologia¹.

2ª Eu não tinha interesse por bruxaria quando fui para a terra zande, mas os Azande tinham.²

3ª É clássico aquilo que persiste como rumor mesmo onde predomina a atualidade mais incompatível³

Tomando tais afirmações como enunciados cruciais para a constituição da antropologia como um campo de conhecimento, a intenção deste curso é praticar antropologia através da leitura dos textos daqueles que também a fizeram (e, neste sentido, ainda “a fazem”). Os seguintes eixos serão desmembrados no programa de curso que será entregue no primeiro dia de aula, em março de 2005:

1. Alteridade como enfrentamento, na pesquisa e como teoria: Frazer e Lévi-Bruhl.
2. Embaralhando genealogias: do Kamo, Naven e L’Afrique Fântome: Bateson, Leenhardt e Leiris.
3. Contrapondo Boas, Mauss, Malinowski, Benedict, e revisitando a relação partes e totalidade(s).
4. Sobre o enigma proposto por Latour : “Você acredita na realidade?”⁴.

Sugestão de leituras prévias ao curso:

BOURDIEU, PIERRE AVEC LOÏC J. D. WACQUANT. “Penser Relationnellement”, In *Reponses* Paris: Éditions du Seuil, p.196-206, 1992.

FEYREBAND: Diálogos sobre o Conhecimento, Perspectiva, SP, 2001

INGOLD, T. (org.) 1993: *Key debates in Anthropology*, Routledge, 1996.

Debates: “The concept of Society is theoretically obsolete”, pp. 55-98; e,

“Human Worlds are culturally constructed” (pp.99-146)

LATOUR, B.: Que artifício libertará a Esperança de Pandora? P. 335-343, in Latour, B.: *A Esperança de Pandora*, Edusc, Bauru, 2001.

LÉVI-STRAUSS, C.: *Le Totémisme aujourd’hui*, 1962

SCHOLTE, Bob. “Reason and Culture: The Universal and the Particular Revisited”. *American Anthropologist*, 86(4):960-965.

STRATHERN, M.(1994): *The Relation*. Prickly Pear Press.

(1995): “The nice thing about culture is that everyone has it”, in

Ingold, T. (org.) 1993: *Key debates in Anthropology*, Routledge, 1996.

PEIRANO, M.: Os antropólogos e suas linhagens, in Peirano, M.: *A favor da etnografia*, Relume&Dumará, RJ, p.13-30.

VIVEIROS DE CASTRO, E.: O conceito de sociedade em antropologia, in Viveiros de Castro: *A Inconstância da Alma Selvagem*, Cosac&Naify, p.295-316.

[1](#) Lévi-Strauss, C.: *O Pensamento Selvagem*, Companhia Editora Nacional, SP, 1976, p.157.

[2](#) Evans-Pritchard, E.E.: *Bruxaria, Oráculos e Magia entre os Azande*, p.300.

[3](#) Italo Calvino: *Por que ler os Clássicos*, Companhia das Letras, SP, 1995, p.15.

[4](#) Latour, Bruno: *A Esperança de Pandora*, Edusc, Bauru, 2001.